

## **Narrativas de viagem - Uma análise sobre o *Facebook* como suporte da memória coletiva<sup>1</sup>**

Andréa Braga Santiago de Sá<sup>2</sup>

Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP

### **Resumo**

O presente artigo tem a proposta de discutir teoricamente a importância das *fanpages* (páginas de fãs) disponíveis no *Facebook* como um suporte atual de memória coletiva. Para tanto, nos apoiamos em Beatriz Sarlo, Priscila Perazzo e Maurice Halbwachs para as reflexões teóricas e contamos com duas *fanpages* de viagens para um eventual suporte empírico: “Por uma vida sem arrependimentos” e “100 Frescura 1000 destinos”, selecionadas devido ao grande número de postagens e seguidores, no ano de 2017. Estudar como se manifestam as narrativas de memórias no *Facebook* se faz fundamental para pensarmos na utilização de relatos de viagem como fonte documental. Avaliamos que essas postagens caracterizam-se como narrativas da memória na contemporaneidade, trazendo novos elementos proporcionados pelas mídias digitais e redes sociais.

**Palavras-chave:** memória coletiva, narrativas de viagem, fanpages.

### **Introdução**

O Brasil, quando os portugueses se depararam com essa terra habitada por diversas nações indígenas, teve como seu primeiro documento escrito uma carta com autoria de Pero Vaz de Caminha. Uma apresentação oficial que consistia num relato de viagem produzido por ele, um dos tripulantes das naus que atravessaram o Atlântico, e que tinha a missão especial de fazer os registros escritos dessa expedição. Além dos relatos de Caminha, as cartas de Colombo e Vespúcio também são citadas como os primeiros documentos de referência sobre o que os europeus tratavam como Novo Mundo, e posteriormente procuraram dominar por meio do processo de colonização.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrado em Comunicação na Universidade Paulista – UNIP, email: [andreasaj7@gmail.com](mailto:andreasaj7@gmail.com)

Nos relatos desses viajantes são apresentados detalhes sobre as características dos lugares encontrados, como suas formas vegetais, flora, fauna, costumes locais, dentre outros aspectos. Castro (2003) denomina como literatura de testemunho este tipo de texto, explicando que o mesmo é produzido predominantemente na forma de carta ou de diários.

É importante destacarmos que, apesar destes conhecidos relatos de viagem terem sido aceitos oficialmente como fonte documental, há uma discussão entre os historiadores em relação a entendê-los como tais. Schemes (2013) ressalta que, para um relato de viagem ser considerado um documento, se faz necessário situar cada viagem em sua relação direta com o contexto histórico em que está inserida. Outro aspecto importante é buscar compreender a trajetória do viajante e o conhecimento prévio do lugar de destino.

Junqueira (2011) reconhece os relatos de viajantes como corpus documental, mas pondera que são pouco definidos e que é necessário considerarmos em qual etapa da viagem o relato foi escrito; fator que traz importantes influências quanto ao que é apresentado.

Independente de seu conteúdo ser considerado oficial, é certo que esses relatos ajudaram a “des-cobrir” um mundo ainda “in-coberto” para o resto do mundo, assim influenciando a visão acerca dele. Também serviram e servem como fontes para estudos que procuram entender os fenômenos do passado e suas relações com o presente. Enfim, são elementos formados por memórias.

Inspirados pela noção de que a memória coletiva se manifesta por intermédio de diversos formatos de registro, observamos que, no contexto contemporâneo, a internet tem revolucionado as maneiras sobre como as pessoas podem se manifestar acerca de suas experiências, motivando assim, que as ciências humanas se reinventem e abram espaços para adaptações metodológicas e novos paradigmas. Os relatos e cartas do passado, usados como um registro histórico de uma memória que foi compartilhada e se tornou coletiva, também vêm sendo afetados pela mudança tecnológica e, nessa discussão, mais especificamente pela internet.

Dentre as diferenças atuais, destacamos que viajantes, desde que encontrem conexões gratuitas com a internet, contam com um espaço instantâneo para o relato das suas experiências, percepções e descrições de viagem. Para isso, fazem uso de redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram* (mais voltado a fotos) e o *Snapchat* (veiculação de vídeos); produzindo um espaço privilegiado para discussão sobre memória, narrativas de viagens e a interação entre elas.

A nossa proposta, por meio deste texto, é produzir algumas reflexões teóricas que contribuam com um campo de análise das narrativas de viajantes no *Facebook*, como registros contemporâneos de uma memória coletiva. Partimos da seguinte questão: *fanpages* de viajantes que disponibilizam seus relatos servem como um recurso analítico para o estudo de memórias coletivas? Acreditamos que a internet, principalmente as redes sociais, têm mudado as formas como os jovens lidam com os processos da memória, sendo fundamental compreendermos como ocorre este processo; exigindo a construção de direcionamentos teóricos-metodológicos que proporcionem a compreensão desse fenômeno.

É importante destacar que temos, com pano de fundo dessas discussões, narrativas de viagens produzidas por duas jovens mochileiras em suas *fanpages* no *Facebook*, sendo elas: Pâmela Marangoni (produtora da página 100 Frescura 1000 Destinos)<sup>3</sup> e Dwanne Almeida (responsável pela produção da página Por uma vida sem arrependimentos)<sup>4</sup>.

Pâmela Marangoni, 30 anos, apresenta sua página com a seguinte chamada: “Acompanhe o dia a dia de uma menina do interior do MS que resolveu viver a vida de uma maneira diferente: viajando de carona/bike e trabalhando pelo caminho”. A *fanpage* conta atualmente com 44.136 seguidores (consulta realizada no dia 28 de julho de 2017).

As postagens, em sua maioria, são acompanhadas de fotos dos lugares que a viajante visita, assim como das pessoas que a hospedam durante seu percurso. Com certa frequência, também são colocados vídeos de momentos que a mochileira desfruta em suas viagens. Frases motivacionais são costumeiramente utilizadas.

A viajante Dwanne de Almeida, 25 anos, é autora da página intitulada Por uma Vida sem Arrependimentos, e assim resume sua experiência: “Diário da Dw “Dû” que atravessa o Brasil de carona, contando histórias com R\$ 1,60 no bolso rs, fazendo amigos e se divertindo intensamente”.

A página possui atualmente 4.788 seguidores e conta com características bem semelhantes às da viajante Pâmela Marangoni. No entanto, o que a diferencia é maior predominância de vídeos e menor visibilidade aos “perrengues” de viagem.

Ressaltamos que mesmo sendo este um texto essencialmente teórico, o olhar sob as *fanpages* das viajantes se faz necessário por ser esse o contexto que permeia as reflexões, se manifestando explicitamente algumas vezes.

---

<sup>3</sup> Acesse a *fanpage* 100 Frescuras 1000 Destinos pelo endereço:  
[https://www.facebook.com/100Dinheiro100FrescuraE1000Destinos/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/100Dinheiro100FrescuraE1000Destinos/?ref=br_rs)

<sup>4</sup> A *fanpage* Por uma Vida sem Arrependimentos está disponível no endereço:  
<https://www.facebook.com/PorUmaVidaSemArrependimentos/>

## **Narrativas e memórias**

Antes de discorrermos sobre testemunhos, é importante falarmos brevemente sobre o hábito da narrativa; assim fazem as viajantes observadas para a elaboração deste artigo. Elas narram as suas aventuras de viagem, criando uma espécie de novela da vida real acompanhada por uma grande quantidade de seguidores.

Para Benjamin (1994) nossas narrativas não são constituídas somente do que lembramos de nossa vida, mas também de outras vidas que se misturam à nossa trajetória, como as dos nossos antepassados.

Nesse misturar de narrativas com memórias, Canavilhas (2004) traça um breve panorama ao contar que inicialmente a memória coletiva dependia do processo biológico interno de determinados indivíduos que, por serem detentores de um determinado dom, funcionavam como guardiões da memória social do grupo. Segundo ele, com a passagem da oralidade à escrita, dá-se a dessacralização da memória enquanto processo biológico, e a memória começa a exteriorizar-se e a autonomizar-se do homem, materializando-se em suportes manuscritos e inscrições em monumentos.

Halbwachs (1990) afirma que a memória é um elemento essencial da nossa identidade. Ele divide a memória em duas categorias: uma individual, autobiográfica, e a outra social, externa, histórica. A primeira está focada em um único ser e a segunda baseia-se nas lembranças coletivas. Em relação à primeira memória, apesar de individual, ela é também coletiva, por ser alterada conforme o indivíduo dialoga com outros integrantes, o que ocorre a partir de referências e lembranças da ambiência em que se está inserido. Um exemplo de como acontece, pode ser por meio de livros, conversas e contato com relatos, cartas e diários de viagens publicados.

Acerca da segunda memória, a social, ela pode inclusive aparecer como solidificada e perpetuada a partir de relatos, aos quais se recorre para reforçar ou enfraquecer e também completar o que sabemos sobre algum evento. É importante considerar que, segundo ele, o primeiro testemunho ao qual recorreremos será o nosso, criando um processo dinâmico entre a memória e esses registros. Como exemplo, podemos citar novamente o retrato que temos em nosso imaginário coletivo sobre a impressão do Brasil apresentado por Pero Vaz de Caminha, na carta que enviou a Portugal. Havendo, obviamente, outros relatos que ajudam a formar a imagem coletiva que temos do país, inclusive interpretações contemporâneas.

Hoje a visão que formamos sobre o episódio está transmutada e polifônica e as lembranças não são mais de um país descoberto e sim de uma terra invadida por meio de muitas atrocidades com os diversos povos nativos. No entanto, os relatos permanecem e se sobrepõem, desde esse inaugural até os atuais, e, porque não, os próximos discursos.

Nesse sentido Sarlo (2007), assim como Halbwachs (1990), reconhece a importância dos relatos para a composição da memória social. Ela cita a guinada linguística, ocorrida nas décadas de 70 e 80, como o momento em que os mesmos começaram a ser valorizados para o estudo do passado. A autora cita como fatores que motivaram a utilização dos relatos a verdade abrigada na rememoração da experiência, a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista e a reivindicação de uma dimensão subjetiva.

Outro aspecto apontado por Sarlo (2007) para o interesse nos testemunhos é o ampliar do olhar dos historiadores e cientistas em relação aos “normais”. Segundo ela, neste caso valorizam-se os detalhes, a originalidade, a exceção à regra e as curiosidades que já não se encontram no presente.

A autora explica que a escuta destes novos sujeitos exige a adoção de novos métodos e a escuta sistemática dos “discursos de memória” como diários, cartas e conselhos. Segundo Sarlo, o uso de objetos históricos, o ‘dever de memória’, induz uma relação afetiva com o passado, pouco compatível com o distanciamento que é ofício do historiador.

Perazzo (2015) traz um posicionamento ponderado sobre a validade da memória social como metodologia de pesquisa. Ela defende que as narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que histórias oficiais uma vez que cada sujeito narra a sua história a partir da sua subjetividade.

A autora alerta que trazer a primeira pessoa do relato para a ciência exige novos métodos para análise e interpretação de relatos de memória.

“Para que nós, pesquisadores, não sejamos reféns das intenções do narrador, é preciso que se constitua um método de interpretação desses dados, pautado no conhecimento das formas como se dão as narrativas, das escolhas que o narrador pode fazer para selecionar o que contar, advindos da compreensão da cultura, da memória e do imaginário desse sujeito”. (PERAZZO, 2015, p.126)

Segundo ela, adotando estes cuidados ao trabalharmos com testemunhos, estaremos trazendo para a ciência as dimensões dos sentidos, dos sentimentos e das mentalidades, que antes eram apenas dos domínios dos relatos literários e das crônicas.

---

## Memória, dossiê e rastros digitais

Apresentados estes conceitos preliminares e considerando que os relatos das viajantes podem ser considerados narrativas de memória, nos vêm alguns questionamentos fundamentais para este trabalho. Quais são as características das narrativas de memória quando “depositadas” em plataformas virtuais como o *Facebook*? Poderíamos dizer que as plataformas virtuais correspondem a um espaço de preservação e divulgação da memória das pessoas?

Para discutirmos as memórias existentes no campo virtual, mostra-se fundamental abordamos o que dizem os teóricos acerca dos rastros digitais, que consistem nas representações digitais que deixamos na rede mundial de computadores. Palfrey e Gasser (2011) chamam esse conjunto de informações de dossiê digital que trazem dois tipos de informações: as de caráter público, que podem ser localizadas no Google por qualquer pessoa, e as informações sigilosas, como número de telefone e documentos pessoais.

O problema destes rastros, nas visões dos autores, é em relação ao rápido crescimento dos dossiês digitais e as decisões sobre o que fazer com as informações pessoais tomadas por aqueles que as detêm.

Analisando o *Facebook*, nosso objeto em questão, podemos tecer um paralelo com as situações onde um *post* é escrito pelas viajantes e posteriormente apagado, por algum arrependimento ou qualquer outra motivação. Entretanto, ele pode ter sido compartilhado por algum seguidor da página e visualizado por várias pessoas antes de ser apagado, por exemplo. Desta forma, o destino das nossas narrativas é totalmente desconhecido.

Jeanne Marie Gagnebin (2006) compartilha da mesma preocupação citando a não-intencionalidade dos rastros, e também aponta uma ligação entre rastro e memória. Segundo ela, assim como ocorre com as nossas lembranças, nem sempre os rastros são os que queremos guardar, mas o que restou de vestígios de uma determinada ação. Para a autora, a memória vive uma tensão entre presença e ausência desses rastros, onde a presença indica a preservação da memória e a ausência dá lugar ao processo de esquecimento.

Quanto ao destino e à perenidade das nossas narrativas de memória nas plataformas online, Canavilhas (2004) expõe a fragilidade do suporte midiático em que agora estão as nossas memórias. Ele pondera, por exemplo, que enquanto o papel possui a durabilidade de séculos, caso bem conservado; os formatos digitais tornam-se obsoletos em 10 ou 20 anos.

Apontamos essas reflexões como desafios que trazem à tona o fato de as nossas

memórias estarem em rede e podemos afirmar que independente dos entraves, os rastros digitais mostram uma identidade pessoal na rede mundial de computadores. Concordamos com Turkle (2006) quando ele diz que é um erro falar em vida real diferente da vida virtual, como se fosse outra forma de vida. Segundo o autor, o que somos na internet não é diferente do que somos no nosso cotidiano, passamos ao outro o que queremos que saibam, fazemos um recorte, assumimos uma persona. Fenômeno que também ocorre no mundo físico.

Ao pensarmos nas *fanpages* das viajantes, verificamos que as postagens das jovens, relatando seu dia-a-dia de viagem, apresentam implicações como as definidas por Halbwachs (1990). Elas demonstram características das memórias individuais de suas viagens, dos fatos que vivenciam na estrada, assim como são coletivas por estarem em diálogo com os seguidores das páginas, bem como com os indivíduos que encontram em seus percursos. As jovens possuem pessoas que irão ler seus relatos e para elas escrevem.

Assim como a carta de Pero Vaz, resguardada as devidas proporções, ao escreverem, elas também colaboram para a composição da memória social de seus seguidores. Um fã da página que, por exemplo, nunca tenha ido à Colômbia, terá parte do seu imaginário sobre o país a partir do que dizem as viajantes em seus relatos nas *fanpages*.

Reconhecemos como um registro dinâmico e ativo de memórias as narrativas de viagens presentes, de uma forma geral, nas mídias digitais, e, especificamente, nas *fanpages* de viajantes disponíveis no *Facebook*. Cabe-nos agora refletir de qual forma essas memórias são consumidas.

### **Consumo de narrativas de memória de viajantes no *Facebook***

Inicialmente, tomando as postagens como uma memória do passado, um registro de um tempo pretérito, Oliveira (2013) traz uma reflexão sobre o consumo decorrente do culto à memória nas mídias sociais, o que pode ser percebido também no *Facebook*. Ele cita como exemplos: os usuários “curtirem”, compartilhem e criem debates em torno de registros antigos de suas histórias de vida e a rede social Orkut, lembrada por usuários do Twitter (por meio da hashtag #TemposdoOrkut).

A partir das ideias apresentadas e analisando o caso específico das memórias “depositadas” virtualmente, o que podemos acrescentar é que, por serem páginas públicas e com seguidores, neste caso o lembrar ganha um caráter obrigatório. Elas podem surgir em qualquer momento, seja por recursos automáticos criados pelo próprio *Facebook*, por

compartilhamentos, curtidas ou comentários de outras pessoas, ou mesmo quando quem detém uma dessas *fanpages* retorna a suas postagens antigas como um velho álbum de fotografias.


Aprofundando um pouco mais a discussão sobre a posição no tempo ocupada pelas memórias reproduzidas nas *fanpages*, encontramos os aspectos apontados por Canavilhas (2004) em relação à representação espacial da temporalidade nos meios digitais. Ao falar em uma compressão do tempo, ponderando que ao postar fotos e textos em “tempo real” no *Facebook*, os usuários da internet estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. Assim, as narrativas tornam-se um registro sobre o momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente.



Figura 02: Postagem onde a viajante Pâmela Marangoni apresenta um detalhe do seu cotidiano no mesmo momento em que ele está ocorrendo.

Entretanto, também há recordações do passado-passado, quando as postagens mencionam eventos acontecidos algum tempo antes, articulando-os com o presente, como ocorre na postagem do dia 20 de abril de 2016 da viajante Dwanne Almeida.



 **Por Uma Vida Sem Arrependimentos**  
com **Juliana Araujo e Regina Maria de Araujo.**  
20 DE ABR ÀS 13:05 · 🌐

Dizem que em Curitiba o povo é fechado.

Vim focada pra cá em 2014, se tiver uma pessoa legal, eu acho.

Achei a Juliana num encontro de couchsurfing e assim nos tornamos amigas, sabendo que eu era sozinha, logo fui promovida a irmã postiça, assim, ela e sua família me adotaram. 😊

Com eles passei, dia das mães, pais, Páscoa e natal.  
Nas datas com... [Continuar lendo](#)



Figura 03: *Post* onde a viajante Dwanne Almeida relata como uma experiência passada anteriormente ainda faz sentido em sua vida atual.

Esse *post* é também exemplo de uma memória coletiva não apenas na sua construção, mas também na sua interpretação, já que entre alguns viajantes o exemplo de solidariedade na estrada se torna referência relevante, além da importância das próprias mídias sociais. Por meio de postagens como essa, são conquistadas hospedagens gratuitas e outros benefícios, além da construção de redes de relacionamento virtual e real.

Esse é um recurso ao alcance de praticamente todos, conforme Palácios (2010), a comunicação rizomática e a liberação do polo emissor multiplicaram os lugares de memória em rede, tornando cada usuário um potencial produtor de memórias, de testemunhos. Sendo importante afirmar que, em variadas dimensões de abrangência, todas as pessoas podem produzir relatos de viagens virtuais no *Facebook*, mas nem todas atingem um elevado grau de notoriedade, já que estas memórias precisam ser consumidas pelos usuários da plataforma.

Para isso, é importante pensarmos que nem sempre os relatos despertam interesse. Afinal, conforme Pollack (1989), para que a nossa memória se beneficie da do outro, não

basta que elas nos tragam seus testemunhos, é preciso que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias. Ou seja, os relatos das jovens viajantes precisam despertar a atenção dos usuários da rede social *Facebook* cujas subjetividades são por eles acionados.

No caso das viajantes a relação entre quem conta a história e quem a escuta é virtual. Ao contrário da “vida real”, as viajantes obtêm respostas numéricas acerca do interesse que suas memórias despertam; por meio do número de curtidas, compartilhamentos. Pouco espaço é dado a detalhes ruins das viagens, o que pode representar uma forma de garantir a audiência da página e a solidificação da identidade de pessoas viajantes felizes perante a audiência. Quando aparecem, são relatos de aventuras onde a viajante se torna uma espécie de heroína que sai ileso das dificuldades, como apresentado na figura 4.



**100 Frescura e 1000 Destinos**

adicionou 8 novas fotos.

11 DE JUN ÀS 12:01 • 🌐

Escrevi ontem mas não consegui publicar:

Gzuiz me ajuda! 😬

Hoje tivemos que cruzar uma ponte que tinha acabado de cair era isso ou voltar 170km MONTANHA ACIMA 🤔🤔🤔🤔🤔

Tinha um cara atravessando o povo num barquinho, mas não quis levar a bike e 565 maletas 🤔

👌 na mão é pouco!

...

Abri o portão e meti as tralhas bem rapidinho pra ninguém me ver sozinha... Afinal ainda sou mulher e viajo sozinha 😊  
Esperei um pouquinho pra ter certeza que não apareceria ninguém e montei acampamento 😊  
Tô aqui agora naquela rotina de abrir a marmitta, avisar minha localização pra família e falar com vocês 😊



Figura 04: *Post* onde a viajante Pâmela Maragoni relata a dificuldade que enfrentou para atravessar uma ponte quebrada durante sua viagem na Colômbia.

Avaliando a estreita interação entre o real e virtual, a simultaneidade da produção dos relatos e o evento acontecido, e o universo colaborativo, tudo proporcionado pelo espaço que é o *Facebook*, podemos acreditar que essas memórias apresentadas, mesmo se tratando da vida de uma viajante em específico, pertencem a múltiplos autores. Assim como os antigos e heroicos exploradores ao retornarem para suas cidades de origem prestavam contas aos patrocinadores, com seus relatos e objetos recolhidos, nossas heroínas contemporâneas, com suas mochilas e um pouco (às vezes nada) de dinheiro, precisam fazer o mesmo com os seguidores que atribuem prestígio à suas *fanpages*. Sendo adequado considerar que viajantes e espectadores se influenciam mutuamente, esses buscando relatos emocionantes, ideias e dicas, enquanto os produtores das *fanpages* necessitam viabilizar a produção de memórias no

mesmo tempo em que viajam.

### **Considerações finais**

Após os conceitos estudados por intermédio dessa pesquisa qualitativa, observamos que as tecnologias de comunicação trouxeram novas plataformas para a exposição de narrativas, o que possibilitou a mudança na forma de registro das memórias, facilitando a comunicação entre as pessoas e ampliando exponencialmente a capacidade de conexão.

O consenso que pode ser estabelecido é que, assim como nas modalidades de pesquisa em que outras metodologias de estudo são adotadas, os que optam pela Memória Social para a produção de trabalhos, devem ser profundamente criteriosos durante a investigação de seus objetos. Estando atento, principalmente, a não permitir que a subjetividade afete tanto o processo de escuta e de análise dos relatos.

Outra reflexão que nos parece viável, é que, caso, no futuro, os registros disponíveis nas redes sociais não se percam, eles constituirão um rico material a ser estudado pelos que pesquisam o passado, considerando a pluralidade de discursos nele contido. As interações entre as autoras das *fanpages* e seus seguidores geram repercussões na rede que contém questões de interesse comum, o que nos leva ao perfil de um determinado nicho de consumidores.

Na rede, surgem a cada dia, cada vez mais maneiras de monitorar, classificar, tipificar e mensurar essas interações. Assim, há ônus e bônus correlatos, vejamos: o rastro contemporâneo da memória social nos traz o paradoxo quanto à sua durabilidade, a sua perenidade. Qual o valor agregado ou dependido nas interações? Isto é, qual memória deveria ser esquecida ou reforçada?

A busca por esta resposta nos parece, neste momento, um desafio. Um estímulo para que novas pesquisas sejam desenvolvidas. A temática é nova; tanto o trabalho com memória social, quanto à utilização da memória social para o estudo das redes sociais.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: OBRAS ESCOLHIDAS: MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA. ENSAIOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta. In: CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2003. 88-116 p.

CANAVILHAS, João. **A internet como memória**. BOCC: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. 2004. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf>>. Acesso em: 05/05/2017.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurente León Schaffter. Ed. Revista dos Tribunais: São Paulo, 1990.

JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.); FRANCO, Stella Maris Scatena (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa (vol.II)**. São Paulo: USP-FFLCH- Editora Humanitas, 2011. 1 v., 129 p.

OLIVEIRA, Thiago Mendes de. **Narrativas do passado no Facebook: consumo de temas de história e memória na fanpage “Fortaleza Nobre”**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/narrativas-do-passado-no-facebook-consumo-de-temas-de-historia-e-memoria-na-fan-page-201cfortaleza-nobre201d>>. Acesso em: 08/05/2017.

PALÁCIOS, Marcos. **Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História**. Matrizes (USP. Impresso), 4 v., 37-50 p., 2010.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PERAZZO, Priscila F. **Narrativas orais de histórias de vida**. In: COMUNICAÇÃO & INOVAÇÃO: REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA USCS, 16 v., n. 30, 121-131 p., jan. - jun. 2015. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/download/2754/1672](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/download/2754/1672)>. Acesso em: 10/05/2017.

POLLAK. Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS. Rio de Janeiro: 2 v., n. 3, 1989.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHEMES, Elisa Freitas. **Oswaldo Cabral na “Terra da liberdade”: relato de uma viagem na vigência da política de boa vizinhança**. In: DISSERTAÇÃO (MESTRADO) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA. 134 p., Florianópolis: 2013.

TURKLE, Sherry. **A memória na tela**. In: CASALEGNO, Federico. MEMÓRIA COTIDIANA: COMUNIDADE E COMUNICAÇÃO NA ERA DAS REDES. Porto Alegre: Sulina, 2006.